



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

O Rui era um preguiçoso

Por LEONOR DE CAMPOS

TODAS as manhãs era um castigo para o Luizinho se levantar. As oito horas ia a criada chamá-lo:
— «Menino Rui!...»
O Rui voltava-se para o outro lado e, com muito mau modo, resmungava:
— «Deixa-me, grande maçadora!... É cedíssimo!...»

— «São cito horas, menino...»
Mas o Rui já não ouvia ou fingia não ouvir. Olhos fechados, bem embrulhado nos cobertores, era como se ninguém o tivesse chamado.

E se a criada teimava e o sacudia, o Rui chamava-lhe tantos nomes feios e ameaçava-a de tal forma que a pobre rapariga fugia espavorida...

É claro que, nessas ocasiões, o Rui acabava por acordar sobressaltado, poucos minutos depois, por causa daquela abençoada escova do quarto d'ele, que a mãe fazia trabalhar, batendo-lhe com ela em certo sítio. E o Rui, então, lá se levantava, a choramingar, a esfregar a parte dorida...

Daí a pouco, já esperto, arrependia-se da sua maldade e da sua preguiça e prometia a si próprio levantar-se cedo e sem custo, no dia seguinte.

Mas não cumpria...
E o Rui continuava a ser preguiçoso e a mãe não deixava de arrelhar-se e o pai andava aborrecido.

Ora o Rui tinha uma tia Engrácia, já velhinha — tia avó, já se vê — que sabia muitas e lindas histórias.

O Rui andava sempre de volta dela.
— «Tia Engrácia, conte-me uma história de gigantes...»
— «Tia Engrácia: — uma história de príncipes...»
— «Tia Engrácia: — uma história de bichos...»
— «Tia Engrácia: — uma história verdadeira...»
E a tia Engrácia quasi sempre lhe fazia a vontade.
O Rui adorava-a, mais ás suas histórias.

A velhinha também sentia pelo Rui uma grande ternura. Mas ao mesmo tempo tinha pena, muita pena de que o Rui fosse tão preguiçoso, tão inimigo de se levantar cedo. E resolveu, então, num dia em que fôra preciso acordar o Rui quatro vezes, contar-lhe a história da condessa Rosalinda.

Não sei se vocês a conhecem, meus amiguinhos. Mas se não conhecem, ouçam a tia Engrácia:

HISTÓRIA DA CONDESSA ROSALINDA

Numa terra de que me não lembra o nome, — sou já muito velha, tenho fraca memória — vivia com seus pais,



num lindo castelo, rodeado de jardins maravilhosos, a condessinha Rosalinda. Era tão bela, tão formosa, que, apesar de muito nova — doze anos apenas — o príncipe do país apaixonou-se por ela e pediu a sua mão.

Seus pais, que a adoravam, ficaram muito lisongeados com tal pedido. E responderam que a filha era ainda criança. Mas que, daí a quatro ou cinco anos, terminados os seus estudos e instruída das obrigações que a uma princesa competem, se o príncipe ainda gostasse dela, teria a maior honra em lhe conceder a sua mão.

E assim ficou combinado.
Mas a fidalguinha que até aí era boa, estudiosa e amável com toda a gente, ao saber que o príncipe a pretendia para casar, encheu-se de orgulho.

Passou a tratar mal as aias e criados. Os professores eram desrespeitados por ela. E quando a queriam obrigar a estudar, a menina erguia altivamente a cabeça e respondia:

— «Estudar para quê? Eu vou ser princesa. Preciso apenas saber dançar e cumprimentar...»

De manhã, para a arrancar da cama, era preciso que a mãe se zangasse e muitas vezes a castigasse.

(Nesta altura da história, o Rui córou, olhou desconfiado a tia Engrácia. Mas esta, como se não tivesse reparado no ar comprometido do pequeno, continuou:)

Se a censuravam por não querer levantar-se cedo, Rosalinda replicava logo:

— «Estou muito bem na cama. As princesas devem estar muito tempo deitadas, descansadinhas, para andarem sempre com a cara fresca e bonita...»

E ninguém conseguiu convencê-la a proceder doutra forma.

O tempo ia passando. Os pais da condessinha, desgostosos com o procedimento da filha, levavam o dia a chorar e nem já tentavam obrigá-la a emendar-se. Para quê, se nada conseguiriam?... Por mais que lhe batessem, que a castigassem, que lhe ralhassem, que a aconselhassem, ela, teimosamente, continuava a ser má, preguiçosa, desobediente!...

— «Aqui — dizia a mãe — só um milagre... Com conselhos ou castigos, já nada conseguirei...»

Ora um dia, apareceu de improviso no castelo em que vivia Rosalinda, o seu noivo, o príncipe. Tinham decorrido perto de três anos, depois do pedido de casamento. O príncipe, que desde essa ocasião andava a viajar, não mais vira a noiva. E agora, de regresso, corria a visitá-la, cheio de saudades.

— «Deve estar uma senhora — pensava ele — e uma senhora adorável, encantadora...»

Esperou. Esperou muito tempo que a princesa acabasse de se vestir, de se preparar, de se pintar.

E qual não foi o seu espanto quando lhe aparece na frente uma menina muito baixinha, atarracada, deselegante, sem graça nem frescura, com ares muito importantes e embirrentos.

O príncipe ficou tão admirado com aquela aparição que não pôde conter-se e exclamou, dirigindo-se ao fidalgo.

— «O quê? É esta a minha noiva, a condessinha Rosalinda? Mas... parece uma anã!...»

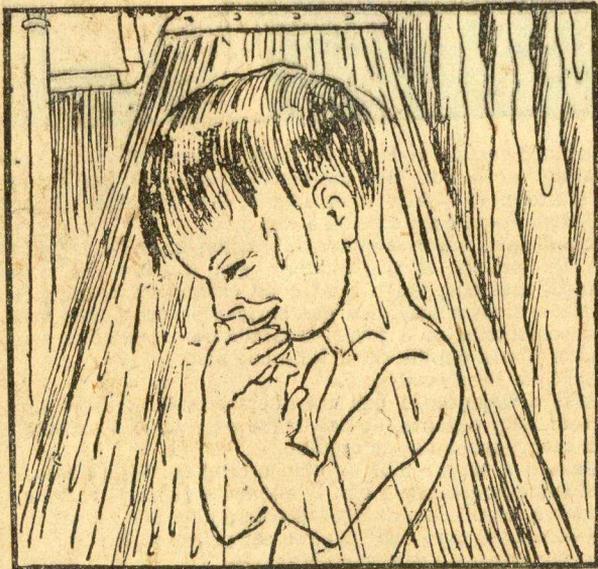
O fidalgo baixou a cabeça, envergonhado, e as lágrimas saltaram dos olhos de sua mulher.

Mas o príncipe continuou:

— «É muito triste e muito complicada a nossa situação. Pedi a mão de sua filha e palavra de príncipe não volta atrás... Mas quando a pedi, era a condessa Rosalinda uma criança invulgarmente encantadora e normal e nada fazia prever que se tornasse no que hoje é...»

A minha posição não me permite que case com uma anã. Que fazer, então?

— «Meu príncipe — replicou o fidalgo, recalçando as lágrimas — eu e minha mulher desligamo-lo por completo dos seus compromissos. De hoje em diante minha filha deixa de ser noiva de vossa alteza...»



O príncipe saiu pouco depois do castelo, acabrunhado de pesar e resolveu a recomeçar as suas viagens.

Pode imaginar-se a cara com que ficou a vaidosa condessinha. A princípio gritou, teve ataques de nervos, partiu várias jarras preciosas, espancou algumas das suas aias. Mas depois, pouco a pouco, o desespero começou a ceder o lugar ao desgosto, à vergonha por se ver desprezada e chorou por muito tempo.

Foi então que a sua aia Belmira se aproximou e, baixinho, a mãe, lhe disse:

— «Menina: Eu sei quem pode curá-la e restitui-la à normalidade... Poderá tornar-se alta, esbelta e elegante, se assim o desejar...»

— «Isso é verdade? — gemeu a condessinha, tão infeliz que nem se lembrava de se mostrar altiva. — Dize-me, Belmira, isso é verdade? Não estás a enganar-me por piedade?»

— «Não, minha querida menina. Quere experimentar? O sábio que a pode curar vive aqui perto, numa casinha pequena, no meio da floresta. Se a condessinha quere, eu própria irei chamá-lo...»

— «Vai, Belmira, vai. E acredita que se o tal sábio conseguir modificar-me, eu serei eternamente grata... Sou tão desgraçada!...»

Partiu a aia em busca do sábio, depois de longa e misteriosa conversa com os pais da fidalguinha.

E daí a algum tempo regressava, acompanhada dum velho de longas barbas brancas, mas de olhar enérgico e vivo como o de um rapaz. Era o sábio Solimeno.

Instalado no castelo, o sábio principiou por exigir de Rosalinda a mais cega obediência.

Começou então para a condessinha uma vida nova e absolutamente diferente. Apenas amanhecia, a aia Belmira, por ordem de Solimeno, ia acordar Rosalinda. Esta levantava-se sem resmungar — pois queria curar-se — e lavava-se e vestia-se rapidamente, sem que ninguém a ajudasse.

Vieram professores para lhe ensinar tudo aquilo que precisava de saber.

Corria e saltava nos jardins do castelo, jogava os mais variados jogos com as suas aias, montava a cavalo, dava grandes passeios...

A condessinha parecia outra.

Como o sábio lhe proibira que se zangasse e se mostrasse mal humorada, a sua testa desenrugava pouco a pouco. Já não precisava pinturas para mostrar as bochechas coradas e os lábios rosados. E crescia, crescia a olhos vistos.

Continuamente as costureiras do castelo talhavam novos vestidos, mais compridos, para a formosa Rosalinda.

E um ano decorrido depois da partida do príncipe, a

DESORDEM NA COZINHA

Por FELIZ VENTURA

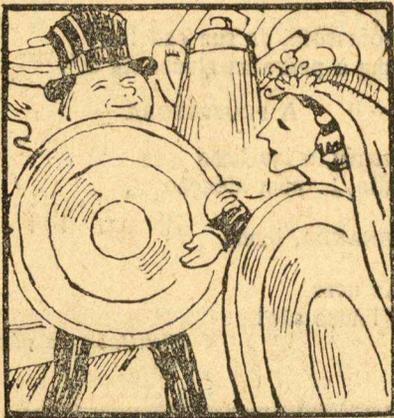
Houve, há dias, na cozinha, um enorme desacato por causa do casamento da travessa com o prato;

pois a molheira, zangada por não ser dos convidados, andou todo o santo dia com modos mais que irritados;

e até, lá num canto escuro, uma esguia cafeteira não falava noutra coisa à vizinha mostardeira.

Certos ditos escarniños escutou a travessinha e respondeu logo, assim, com uns ares de rainha:

«Como sois impertinentes! Mas que má educação



que tendes, pois só quereis fazer grande discussão?

Porém, eu já vos previno que é escusado assim pensar. Eu não quero dissabores nem 'stou para me ralar.»

Logo, ao lado, a mostardeira disse com briiho no olhar: «Olha a grande lambisgôia a querer aqui mandar!»



A molheira, essa, arrufada gritou: «Mas que vilania! Se não fôsse cá por coisas, não sei o que lhe faria!»

E a mostardeira riu tanto, ouvindo-as assim falar, que até se pôs maluquinha, a pular e a dançar.



O marido da travessa, que entrou nessa ocasião, viu haver partida grossa nessa grande discussão.

Palavra puxa palavra, arma-se grande desordem. Depois foi um trabalho para pôr todos na ordem.

E quando se conseguiu todos, por fim, serenar, viu-se o que é que resultára de tão intenso brigar:

Travessas, pratos, terrinas, estava tudo rachado, fazendo cair das nuvens o cozinheiro alarmado!

E êste, chamando o criado, com voz um pouco alterada, mandou deitar para o lixo a louça tôda rachada.

Não há nada, neste mundo, como viver sossegado. Quem se mete nos sarilhos quási sempre é castigado.

■ F I M ■

condessinha era uma rapariga alta e desempenada, de rosto encantador e maneiras atraentes.

O príncipe regressou da nova viagem. O rei seu pai, para comemorar êsse acontecimento, deu no palácio real um grande baile. A condessinha e os pais foram também convidados.

Quando Rosalinda apareceu no salão de baile, um murmúrio de admiração percorreu a assistência. Com o seu vestido branco, muito simples, uma fita prateada cingindo-lhe a cintura, os cabelos loiros artisticamente penteados, resplandecia de beleza, de encanto, de mocidade...

O príncipe nem a reconheceu. E ao ver surgir aquela formosíssima rapariga, ficou tão entusiasmado que esqueceu praxes e conveniências. Avançou para ela, a convidá-la para dansar.

Mas Rosalinda sorriu e respondeu:

— «Agradeço-vos, Senhor, de todo o coração, a honra que me fazeis. Mas decerto não seria conveniente à vossa situação, o dansardes com uma anã...»

Então o príncipe caiu em si. Reconheceu o conde e a condessa, pais de Rosalinda, que a acompanhavam. E daí a pouco, estava tudo esclarecido e o príncipe dansava animadamente com a condessinha Rosalinda, que algum tempo depois se tornou sua esposa. E foram muito felizes, porque Rosalinda, graças à sua aia Belmira e ao sábio Solimeno, deixára de ser preguiçosa.

— «Acabou a minha história, Ruizinho. Gostaste?» — perguntou a tia Engrácia.

(Continua na página 7)



ERA Maria — a filha do caseiro, —
Criança de sete anos, pouco mais...
De rosto lindo, alegre e prazenteiro,
E «a menina dos olhos» de seus pais.

Auxiliava a mãe, na rude lida;
Apascentava o gado, pelos montes;
Tomava, assim, contacto com a vida...
Mirava-se, feliz, na água das fontes!

— «Abriu a escola nova e eis-me a saber
Maria — (o pai lhe diz, com voz amiga) —
Se tens vontade de aprender a ler,
Pois não vê quem não sabe, rapariga!»

— «Mas, pai... nem uma letra sei ao menos;
Nem um só livro eu tenho para ler,
Dinheiro p'ra o comprar, também não temos;
Sobra-me, só, desejo de aprender!»

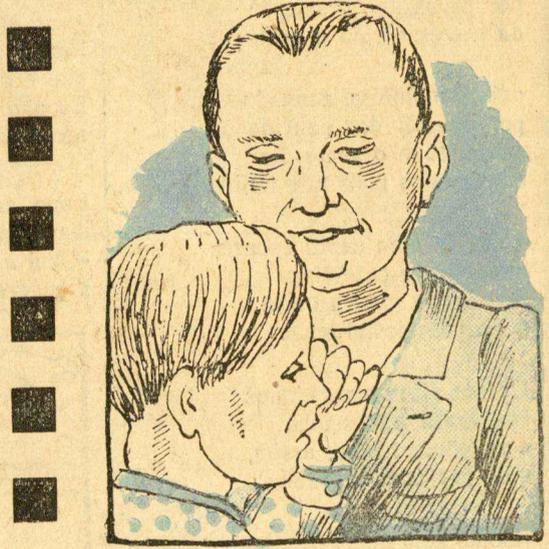
Chegou, enfim, o desejado dia!...
Muito limpinha, airosa, e penteada,
Os olhos a brilharem de alegria,
Lá foi... na sua «Estrêla», confiada!

*Maria com a mãe
a caminho da escola:*

— «O' mãe, não vê... além?...»

(Aproximando-se)

— A escola!... Ai, como é linda,
E alegre... tanto sol!
Nos canteiros floridos!...
Baunilha perfumada,
A espreitar pelos vidros!...



(Vozes dentro)

A professora, da sua cadeira,
Chama à pedra as alunas da 3.^a

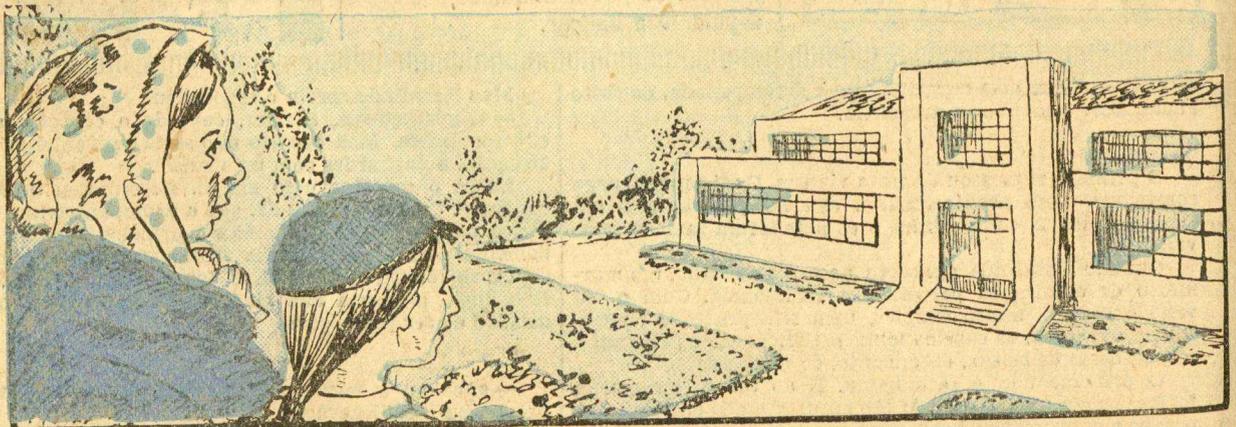
A PROFESSORA

Fernanda, a tua lição
Lê alto... com atenção...

FERNANDA, lendo

— As uvas
Que lindas são!

(Continua na página 6)



O JOGO

Por FRANCISCA do CARMO COSTA

O tio João chamou o criado e ordenou-lhe:

—«Vai ao quintal observar o que estão a fazer os meus sobrinhos! Preciso saber o que se passa. Daqui ouve-se muito bem o barulho que eles costumam fazer nas suas brincadeiras. Ora, há já um bom bocado que esses «finórios» não dão amor de si, o que é para admirar. Quando crianças, na hora do recreio e ao ar livre, não pulam, não gritam, não devem fazer cousa boa entre elas.»

O criado, cumprindo a ordem recebida, foi ao quintal e foi dar com os sobrinhos do tio João muito longe uns dos outros dispostos como se estivessem jogando nos cinco cantinhos.

Não se admirou de os ver assim, porque julgou entretidos naquele jogo. Passado um tempo, notou que o tio tinha razão. Ouvia qualquer cousa, com certeza, entre as crianças.

O jogo dos cinco cantinhos brinca-se ouvindo continuamente dum canto para o outro.

Ora as crianças não se moviam e, ainda para mais, tinham todas uma cara de preocupados amigos.

O criado aproximou-se do Alberto e perguntou:

—«Oh! menino! Então... não brinca?»

O Albertinho, como um gigante fazendo o criado, respondeu apenas:

—«Hum!!!»

Foi perguntar a mesma coisa ao Luíz e este só lhe diz:

—«Hum!!!»

Dirige-se, depois, à Mariazinha e esta também lhe respondeu, amuadina:

—«Hum!!!»

O criado não quíz ouvir mais. Foi dar conta do que vira e ouviu.

O tio João, apoiando o queixo sobre a mão, disse também:

—«Hum!!! Hum!!!»

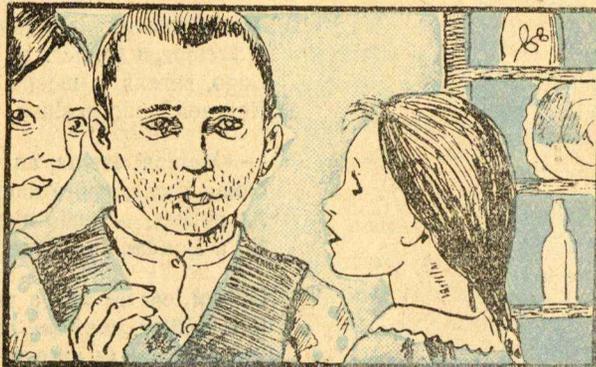
Ficou a pensar algum tempo e por fim disse ao criado:

—«Então eles só faziam hum, hum? Pois vai buscar os meus sobrinhos e fá-los vir aqui diante de mim a um e um.»

O primeiro a aparecer foi o Luízinho.

O tio perguntou:

—«O que têm vocês, hoje, que não querem brincar?»



—«A culpa é do Alberto, sai fóra do jogo.»

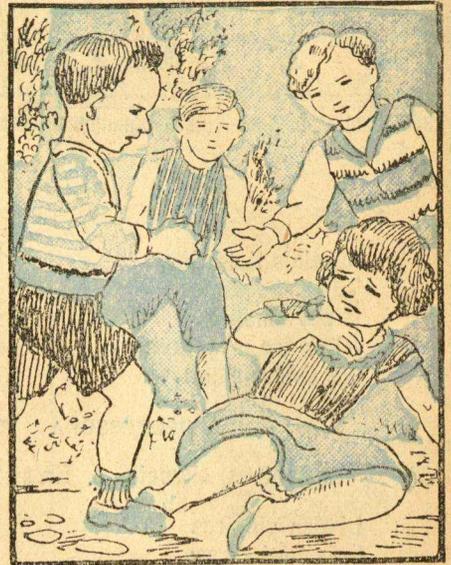
—«Não preciso saber mais nada. Dize ao Alberto que venha falar ao tio.»

Entra o Alberto e o tio faz a mesma pergunta.

—«A culpa é do Luíz que não nos deixa jogar à nossa vontade.»

—«Volta para o pé do Luíz e dize à Mariazinha que venha aqui.»

Entrou a Mariazinha... Logo à entrada pôs-se a chorar.



O tio levantou-se, pegou-lhe nas mãos e trouxe-a para junto da sua mesa.

Docemente perguntou-lhe:

—«Porque é que vocês não brincam e tu estás tão chorosa?»

—«Eles diziam que eu não sabia jogar!»

—«E tu sabias?»

—«Sabia, sim senhor. Eles é que queriam fazer o jogo à sua vontade e estavam sempre a mudar os preceitos conforme mais lhes convinha.»

Eu disse-lhes que assim não me entendia, o Alberto empurrou-me e eu caí.»

—«E nenhum deles te acudiu?»

—«Acudiu, sim senhor.»

—«E quem foi?»

—«Foi o José.»

—«Está bem. Não preciso, por agora, de saber mais nada. Dize ao José que venha falar ao tio.»

O tio João ficou à espera que José entrasse e, como tardasse a sua vinda, disse ao criado:

—«Vai-me buscar o José; é o único que faz resistência em vir aqui.»

O José entrou a chorar.

—«O que é que vocês fizeram no quintal que não queriam jogar, a Mariazinha caiu e tu estás a chorar?»

O José, num grande pranto, mal pode balbuciar:

—«Eu não sei nada, eu não vi nada, eu não fiz nada.»

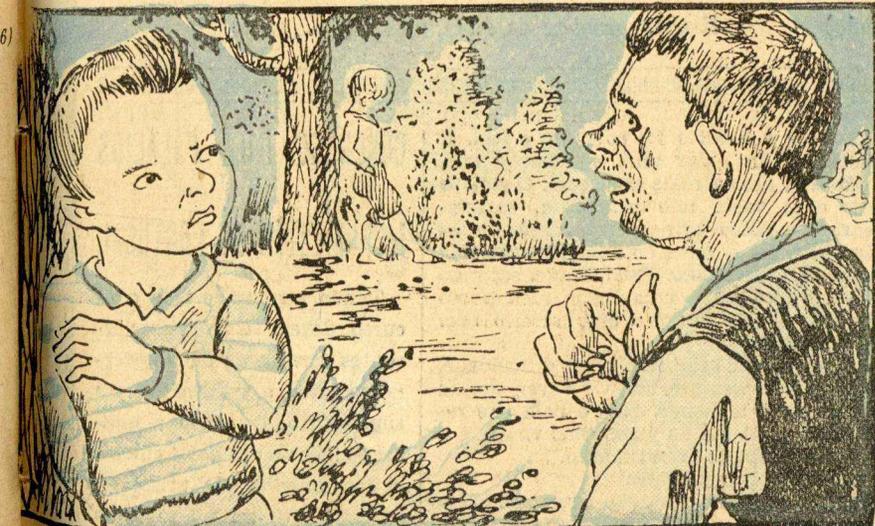
O tio, carinhosamente, observou-lhe:

—«Mas tu defendeste, mas tu acudiste à Mariazinha. Tu mostraste ter bom coração. Então, o que foi que se passou? O que é que fez o Alberto?»

—«Eu não sei nada. O Alberto não fez mal nenhum. Eu é que tive a culpa de tudo.»

Então, o tio João chamou todos os sobrinhos e disse-lhes:

—«Vocês são um amor de crianças. São a alegria do vosso tio, mas hoje mesmo, entre a brincadeira, fizeram as coisas de tal modo que deixaram de se divertir e



A FILHA DO CASEIRO

(Continuado da página 4)

Cachos doirados,
Tão soborosos
E perfumados...
Ai, quem mos dera
Na minha mão!...

A PROFESSORA

(Meninos, silêncio... Então!...)

Lindas videiras
Sois feiticeiras;
Vossa beleza
E' a rainha
Da vossa mêsá!

Vossa folhagem,
Na branda aragem,
Lindas videiras
De formas belas,
São aguarelas
De alto valor!

Uvas pretinhas
Ou vermelhinhas,
Ai, que sabor!...
Ai que docinhas!...

Lindas videiras,
Sois feiticeiras;
Vossa beleza
E' a rainha
Da nossa mêsá!

*Maria ouve enlevada
e aproxima-se mais da
portinha da entrada:*

— «Senhora — (Diz a mãe, na escola entrando) —

Trago a Maria p'ra aprender a ler...»
— «O Saber, filha, é luz, que vai rasgando
(A mestra diz) a treva, em nosso ser!»

— «Ser muito obediente, sossegada,
E prestar às lições muita atenção,
Eis o que exijo — é pouco, é quasi nada, —
Do teu pequeno e meigo coração!»

Então, Maria foi sentar-se ao pé
Doutra pequena de famílias ricas,
A qual a afasta, brusca, com um pé,
E altiva diz: — «Ao pé de mim, não ficas!»

Maria com os olhos rasos de água,
A tremer, a tremer, se levantou...
Logo, serena, a mestra — mas com mágoa —
Reprendendo a aluna, assim falou:

— «Menina, escuta, aqui, vós sois iguais:
Como irmãs, muito amigas deveis ser;
As pobres, — tendo menos — valem mais...
Só a Bondade as deve engrandecer!»

Deu ordem de saír, a professora:
E a saltitar, em doce revoada,
Vai a correr (a aproveitar a hora
Do recreio) a travêssa pequenada.

Maria, num recanto, pensativa,
Recordava o desgosto já passado;
Mariana, suave e comovida,
Foi beijá-la, sentando-se ao seu lado.

Uma lágrima, entanto, pertinaz,
Nas faces da Maria, foi cair...
Dôce pranto, que logo se desfaz

E abraçaram-se as duas, a sorrir!...

ainda para mais, a Mariazinha e o José
apareceram aqui a chorar. O José acabou,
agora mesmo, de me dizer que elle é que
teve a culpa de tudo.

Alberto, como capitão corajoso que se
pusesse à frente de suas tropas, avançou,
resolutamente, em direção ao tio, e decla-
rou com muita firmeza:

— «Meu tio, eu é que fui o mau. Eu é que
empurrei a Mariazinha. Eu é que quiz alte-
rar as regras do jôgo, para mostrar aos
primos que eu era o chefe da brincadeira.
A Mariazinha e o José não queriam obe-
decer-me. Eu teimei e a minha teimosia foi
a culpada de tudo. Por minha causa é que
nos zangámos todos.»

— «Dêem todos um abraço ao tio. Eu bem
dizia que vocês são um amor de crianças.
A Mariazinha foi meiga. O José foi com-

passivo e o Alberto foi corajoso e leal. E
agora vou-lhes dar uma explicação que,
peço-lhes, nunca mais esqueçam. O motivo
pelo qual vocês não brincaram, zaraga-
tearam e duma brincadeira passaram às
lágrimas, foi a falta do cumprimento nas
regras do vosso jôgo. Ficai, então, sabendo
que não há alegria, nem ordem, nem affecto
quando se não cumpre um preceito bem
estabelecido.

A regra traz sempre alguma dificuldade.
Mostra-nos, sempre, como o dever, algum
obstáculo a transpôr. Mas é nela que re-
pousa a justiça e no jôgo, como viram, é a
própria razão do divertimento.

Podem voltar a brincar!»

Daí a pouco, o tio João ouvia, no quin-
tal, o rumor alegre dos seus sobrinhos,
brincando muito divertidos.

CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL

Tendo terminado este con-
curso, devem todos os concor-
rentes enviar as suas cader-
netas para a redacção deste
suplemento, trazendo a indi-
cação: *Concurso dos Palácios
e Monumentos*. O prazo da
entrega termina no próximo
dia 20.

CONCURSO: Grandes de Portugal



1

Rude pastor sôbre a serra,
Tomou as armas, um dia,
Defendendo a sua terra
Do que escravisá-la queria.

E fez tão terrível guerra
Aos tão terríveis romanos,
Que êles até já temiam
De falar aos luzitanos.

Houve batalhas terríveis,
Muita vida se perdeu
E foi só pela traição
Que a forte Roma venceu.

É que êste rude pastor,
De bravura sem igual,
Defendia, com ardor,
A sua terra natal.

Por isso a História conserva
O seu nome e o seu retrato,
Pois herói entre os heróis
Foi o famoso *Rui*

Cá estamos, hoje, com um novo concurso: o dos *Grandes de Portugal*.

A partir do presente número, serão publicadas 50 figuras de vultos notáveis da nossa gloriosa História, acompanhadas de versos de Francisco Ventura. Deverão ser recortadas e coladas, *juntamente com os versos*, em cadernetas feitas à escolha dos concorrentes, acompanhadas pela decifração.

Esta é bem simples e *consiste em completar a última quadra com o nome da figura histórica*.

Os concorrentes que assim o desejarem, poderão enviar-nos cadernetas artísticas ou com esclarecimentos ácêrca dos *Grandes de Portugal*.

Desde já avisamos os nossos leitorzinhos de que responderemos a tôdas as perguntas que nos forem feitas, desde que nos seja enviado um selo de 40 centavos para despesas do correio.

O Concurso, como vêm, é bem interessante e instrutivo. Por êle ficam conhecendo as vidas gloriosas dos vultos que melhor serviram esta linda Pátria de cavaleiros, poetas e mareantes.

E mãos à obra que os prêmios são de tentar.



2

Chegando de França, um dia,
Para lutar pela Cruz,
Pois esta terra era cheia
De inimigos de Jesus,

De tal forma combateu,
Tantos mouros derrubou,
Que o, então, rei de Castela
Com sua filha o casou.

E deu-lhe aquele condado,
Pequenino mas valente,
Que faria o que nem fôra
Pensado por outra gente.

Aquêle torrão formoso,
Que no mundo é sem igual,
Que enche de orgulho a nós todos,
E se chama Portugal!

Ante êste fidalgo ilustre
Ninguém indiferente fique,
Pois quási que já um rei
Foi o *conde D. Henrique*

O RUI ERA UM PREGUIÇOSO

(Continuação da página 3)

O Rui estava pensativo. E, sem responder directamente à pergunta, interrogou por sua vez:

— «Ô tia Engrácia: Então os meninos preguiçosos não crescem? Ficam sempre anões?»

— «Quási sempre, meu filho. E... é natural. Tu que és inteligente, decerto compreendes isto: as crianças que não fazem exercício, que não saltam, nem brincam, nem se mexem, não podem desenvolver-se como as outras. Atrofiam-se. Perdem a graça e a frescura. Não te parece? Ora pensa um pedacinho...»

— «Talvez, sim, deve ter razão...»

Dêsse dia em diante, o Rui não voltou a ser preguiçoso. Pudera!

Não que êle queria crescer e ser um rapaz forte e robusto...

Nunca mais foi preciso acordá-lo com a escova grande. Apenas a criada murmurava:

— «Menino Rui...»

O Rui abria os olhos e, sem resmungar, nem hesitar, saltava para fóra da cama, vestia o roupão e corria para a casa de banho a regalar-se com o seu duche frio...

O Príncipe «Porquê»

Por
VIRGINIA LOPES
DE MENDONÇA

ESTA história passou-se não importa onde, nem quando, com um príncipe que, como todos os príncipes, vivia cheio de mimos. Era amimado pela sorte, pelo pai, pela mãe, e por todos os cortezãos adulateiros, bobos, pájens, madrinhas fadas, como acontece sempre aos meninos em berço de ouro.

A única cousa que o salvava da vida tão inútil, tão ociosa que levava, era a sua grande curiosidade.

O Príncipe Rodrigo tudo queria saber.

Por isso lhe chamavam o Príncipe «Porquê.»

Quando ia passear, esta contínua interrogação que fazia aos fidalgos, aos criados, às outras crianças que o acompanhavam e que com êle brincavam, parecia um disco de gramofone, repetido vezes sem conta.

E os servos, os cortezãos e os pequenos companheiros de brincadeiras, instruíam o Príncipe, a seu modo, quero dizer, enchiam-lhe a cabecinha de tolices porque outras cousas não lhe sabiam ensinar.

Não chegou a saber — já se vê! — o grande mistério da vida, a maravilha dos astros, o nascimento das plantas, o prodígio da luz eterna do sol e o do vôo das aves, nem os segredos impenetráveis do fundo dos mares azuis que rodeiam o reino de seu pai.

Mas soube porque os pasteis doces, são doces, porque tinha que dormir tôdas as noites quando lhe chegava o sono, porque lhe punham um casacão no inverno, ao vir o frio, porque o seu real pai usava uma grande espada e porque tôda a gente se curvava quando êle passava.

Aprendeu muitas cousas, chegou a crêr que sabia quâsi tudo e, afinal, nada sabia!



Uma vez, estava com a sua velha aia à beira-mar e viu umas náus muito grandes com muitos guerreiros dentro, a afastarem-se para o mar alto.

O Príncipe perguntou uma vez mais :

- «Porquê?»
- «Vão defender teu pai, contra os inimigos da Pátria.
- «E porque vão êsses homens defender meu pai?»
- «Porque é rei.
- «Porque Deus assim o quiz, Alteza.»

Não se atreveu a perguntar mais nada, mas aquelas respostas da velha aia não satisfizeram a sua curiosidade.

Aconteceu, quando chegou o verão, os pais decidirem ir passar uns meses com o Príncipe Rodrigo num severo castelo, junto a um lago de águas transparentes, onde faziam evoluções peixinhos roxos e azuis.

Ali, longe do protocolo das côrtes, o Príncipezinho considerava-se muito feliz, porque vivia com muito mais liberdade.

Mas, um dia, uma tremenda desgraça por um triz não encheu de luto aquele reino.

Passeavam, pai e filho, pelo lago, num barco. Nisto, o Príncipe inclinou-se para vêr se conseguia apanhar um dos três peixinhos e caiu à água.

A mãe, que duma janela do castelo, seguia com a vista o barquinho, soltou um grito lancinante; mas Rodriguinho já estava nos braços do pai.

Dera um formidável mergulho e estivera mesmo a ir para os peixinhos, se não tivesse sido socorrido a tempo.

Levaram-no para o castelo.

Deitaram-no na cama dourada, coberta por um docel azul e branco.

O Príncipezinho estava muito doente com convulsões e febre.

Os afamados físicos do reino disseram que êle sofria dum resfriamento muito forte e dum ataque de medo, mais forte ainda.

Enquanto o seu menino esteve entre a vida e a morte, o rei e a rainha nunca o abandonaram de dia e de noite, aflitos, consternados.

E, cousa curiosa, foram aqueles os únicos momentos em que não se sentiam reis e em que os seus súbditos mais os respeitaram e mais lhes quizeram, porque deveis saber que a dôr e infelicidade criam um prestígio que não iguala êsses prestígios e categorias que vêm do nascimento.

O Príncipe, no entanto, ia melhorando e uma noite, em que o pai velava junto dele, o pequeno, ainda febril, perguntou :

— «Ouve lá, paizinho, porque foi que eu caí?»

O rei sorriu e respondeu :

— «Meu filho, já vêes que a tua curiosidade não te salvou. Trataste de conhecer tantas e tantas cousas e nunca procuraste conhecer-te a ti próprio. Mede a tua força e a tua inteligência; o teu valor, as tuas faculdades, o teu talento, tudo isso que devias conhecer, não procuraste sabê-lo... Por isso caíste... por isso cairás muitas vezes na tua vida...»

O Príncipe «Porquê» não se esqueceu desta lição.

Quando chegou a sua vez de governar, conhecendo-se a si próprio, conheceu tôda a gente e foi tão prudente e sábio como o seu pai.

